



Práticas Sustentáveis e Saberes-Fazeres: Os Camponeses Guardiões de Sementes no Assentamento São Judas, Rio Brillhante – MS, Brasil.

Sustainable Practices and Knowledge-Doings: The Peasants Guardians of Seeds In the St. Jude Settlement, Rio Brillhante– MS, Brazil.

Francieli Aparecida Zenatti¹; Rodrigo Simão Camacho²

¹Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural Indígena, Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET);

Endereço: Assentamento São Judas, lote 134 rural de Rio Brillhante, MS, Brasil.

Email: franzenati@outlook.com/franzenatti@gmail.com

²Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural Indígena, Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET);

Endereço: Rua Claudio Goelzer, 1225 B, Parque Alvorada, Dourados, MS, Brasil.

Email: rogeo@ymail.com/rodrigocamacho@ufgd.edu.br

Resumo

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas, Rio Brillhante - MS, com uma família camponesa que tem como prática tradicional a conservação de sementes crioulas. As sementes são de “milho maisena”, “milho pipoca” e “amendoim”. No desenvolvimento desse trabalho entrevistamos os guardiões de sementes crioulas, observamos suas práticas e fizemos uma discussão teórica sobre a relação entre saberes populares camponeses e sementes crioulas. Os objetivos desta pesquisa foram: entender como ocorre o processo de conservação das sementes crioulas; compreender os desafios que os camponeses enfrentam na atualidade com a hegemonia de transgênicos e agrotóxicos; mostrar a importância das sementes enquanto garantidora da reprodução camponesa e a sua autonomia; e demonstrar a relação entre o modo de vida camponês e a agricultura sustentável. Durante esse trabalho ficou evidente o valor social do conhecimento tradicional/popular camponês para a prática de conservação de sementes crioulas.

Palavras-chave: Campesinato. Saberes Tradicionais. Sementes Crioulas. Práticas Sustentáveis.

Abstract

The research was carried out in the São Judas settlement, municipality of Rio Brillhante, MS, with a peasant family that has as traditional practice the conservation of seeds. The seeds preserved and observed in the research are "corn corn", "popcorn" and "peanut". For the development of this work we dialogue with the Creole seed guardians of the São Judas Settlement, and use as references research on seed guardians, traditional knowledge and sustainable practices in peasant communities. The objectives of this research were: to understand how the conservation process of Creole seeds occurs; understand the challenges that peasants face today with the hegemony of transgenics and pesticides; to show the importance of seeds as guarantor of peasant reproduction and their autonomy; and affirm the relevance of preserving the way of life and peasant identity. During this work it became



evident the social value of traditional knowledge/pop peasant for the practice of conservation of Creole seeds.

Keywords: *Peasantry. Traditional Knowledge, Creole Seeds. Sustainable Practices.*

Introdução

A investigação tem como recorte espacial o Assentamento São Judas, Rio Brilhante - MS, onde residem desde 2002, os guardiões de sementes que foram os sujeitos de nossa pesquisa. A pesquisa foi motivada pelo objetivo de deixar registrado, de maneira científica, os saberes tradicionais da família Z³, que tem como protagonistas os sujeitos, AZ1 e AZ2, um casal que continua preservando a tradição dos guardiões de sementes por meio dos saberes tradicionalmente construídos e, historicamente, transmitido por várias gerações.

Os guardiões de sementes possuem um conhecimento baseado na experiência cotidiana, adquirido de geração em geração. São saberes populares construídos, dialogicamente, com a realidade concreta da família, seus costumes e modo de vida, com uma forte ligação com a terra e com as sementes crioulas. Cultivam a terra com respeito a natureza⁴, de maneira sustentável, criando agroecossistemas com diversidade, ao contrário do modelo hegemônico agrícola baseado no tripé monocultura-transgênicos-agrotóxicos.

Os objetivos da pesquisa foram: entender o processo de como conservar as sementes crioulas; compreender os desafios que os camponeses enfrentam para plantar e colher na atualidade em que se predomina o modelo agrícola baseado no tripé: monocultura-transgênicos-agrotóxicos; mostrar a importância das sementes enquanto garantidora da reprodução camponesa e a sua autonomia; demonstrar a relação intrínseca entre o modo de vida camponês e a reprodução das sementes crioulas.

Atualmente, se faz necessário refletirmos a respeito da preservação, divulgação e reprodução de saberes populares, pois com o avanço do desenvolvimento do capitalismo no campo, muitos saberes tradicionais estão sendo perdidos, dentre eles, àqueles relacionados a sementes crioulas.

Compreendemos a importância de analisarmos a preservação das práticas tradicionais de plantio, colheita e conservação das sementes, além da produção para o autoconsumo da família e a venda do excedente, enquanto mecanismos intrínsecos à reprodução do modo de vida camponês.

Metodologia

Esse trabalho é resultado de uma análise empírica do conhecimento local dos camponeses do Assentamento São Judas em Rio Brilhante – MS, Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa,

³ Sigla para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

⁴É como diz a canção: “A gente cultiva ela e ela cultiva a gente”.(Zé Pinto, Caminhos Alternativos).



baseada em entrevistas e observação, a fim de registrar as práticas da família Z com relação a conservação de sementes crioulas e a socialização dos saberes populares.

Para o desenvolvimento desse trabalho dialogamos com os guardiões de sementes crioulas do Assentamento São Judas, e usamos como referências, discussões teóricas sobre guardiões de sementes, saberes populares e práticas sustentáveis em comunidades camponesas.

Resultados e Discussões

A Socialização de Saberes-Fazeres Populares Camponeses: Saber de Experiência Feito à Favor de Práticas Sustentáveis

Os guardiões de sementes, geralmente, se apropriam de um conhecimento passado de geração em geração, esse conhecimento é derivado da experiência. Isto porque existem diferentes formas de conhecimento, não apenas o conhecimento da ciência que aprendemos na educação formal. De acordo com Rolo e Ramos (2012), o conhecimento possui várias concepções, que pode significar apenas uma informação ou uma experiência.

O conhecimento dos guardiões de sementes, é um conhecimento prático, adquirido ao longo dos anos, em que se aprende época de plantio, adubação, colheita e formas de armazenar as sementes para o próximo ano. Com isso, podemos dizer que a elaboração do conhecimento é uma “relação aberta”, engajada num campo de sociabilidade/territorialidade. Esses conhecimentos podem ser saberes tradicionais, passados de geração em geração, ou o conhecimento local de uma determinada comunidade ou território. De acordo com Pidner (2010, p.13):

Os saberes locais são constituídos pelas experiências cotidianas dos sujeitos, e, ao mesmo tempo, os sujeitos fundamentam-se nesses saberes para o desenrolar das relações cotidianas. Os saberes não hegemônicos carregam outras imagens, outras visões, novas paisagens, que ultrapassam o conhecimento científico. São significados que remetem à familiaridade, aos laços afetivos, à densidade da vida.

Os camponeses têm uma ligação muito forte com a terra, sabem que precisam cuidar com carinho, alimentar e respeitar o tempo dela, ou caso contrário, não terão um bom alimento, conforme diz Woortmann (1983, p.119-120):

O trabalho do homem é o de preparar a terra e, quando necessário, alimentá-la, fortificá-la com a “vitamina” do adubo. Por sua vez, o trabalho da terra é o de receber as sementes, fazer nascer e crescer a planta, alimentando-a com sua “vitamina”. A terra agradecida retribui o trabalho do homem com uma colheita abundante.



Os camponeses aprendem, desde cedo, preservar as memórias das famílias, os saberes que são passados de geração em geração. Atualmente, esses saberes são muito importantes na preservação do meio ambiente e na produção de alimentos saudáveis, pois o modelo hegemônico baseado na monocultura de transgênicos e no uso dos agrotóxicos tem prejudicando a saúde da população e destruído a natureza, então, essas práticas não hegemônicas são formas de resistência. Como escreve Pidner (2010, p.26): “A preservação dessas memórias do passado não moderno emergiu como um movimento de resistência à destruição causada pela modernidade”.

Hoje, a modernidade-capitalista-industrial-eurocêntrica está a serviço do mercado, diferentemente das práticas tradicionais em que as pessoas aprendem a cultivar a terra para produzir o seu próprio alimento e da sua família. Por isso, é importante desenvolver trabalhos de pesquisa enfatizando os conhecimentos populares, para que esses saberes-fazeres não desapareçam com o tempo. Precisamos fazer com que estas experiências sejam socializadas, para que as práticas sustentáveis, diferentes do que estamos vivendo hoje, sejam conhecidas, valorizadas e reproduzidas. Como diz Pidner (2010, p. 44): “No contexto do mercado, o conhecimento serve ao lucro e, assim, é um artigo de consumo. O próprio conhecimento é transformado em mercadoria está acessível para quem puder pagar por ele”.

Seus princípios são incorporados na prática cotidiana pelos sujeitos, com dedicação e, geralmente, são socializados por meio trabalho por gerações. As crianças crescem observando os familiares executando essas atividades e vão praticando juntos. A construção desse conhecimento demanda tempo, de acordo com Matta (2016), é preciso estar junto para aprender, precisa conviver, estar presente e não apenas realizar uma determinada atividade. Não é algo que aprendemos partindo da teoria, mas sim, das práticas concretas desenvolvidas pelos sujeitos. É o que Paulo Freire denomina de “saber de experiência feito”. Em suas palavras: “Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o “saber de experiência feito”, parta do conhecimento sistemático do(a) educador(a)” (FREIRE, 2008, p. 58-59).

Os camponeses cultivam a terra de acordo com o que aprenderam na experiência prática do trabalho familiar desde a infância. Respeitam a terra e sabem que precisam cuidar com a feição para que a terra devolva seu trabalho em alimentos saudáveis. Possuem autonomia em seu trabalho e sabem que, se não desenvolverem um manejo sustentável com a terra, não vão conseguir o alimento necessário para a reprodução material da sua família. Conforme diz Woortmann (1983, p. 123): “Camponeses são como gerentes da natureza pelo trabalho, o que me leva a outra dimensão da ética camponesa”.



Antes da revolução verde, as famílias usavam sementes crioulas com bons resultados de produção, mas por volta do início dos anos de 1980⁵ as empresas começaram a produzir e comercializar as sementes transgênicas, ao adotar este modelo de produção, houve, aos poucos, um processo de escassez das sementes crioulas. Porém, ao contrário do discurso ideológico dominante, o uso de sementes transgênicas não garante aumento de produtividade, e sim, diminuição de mão-de-obra, com isto tende a colaborar com o êxodo rural, como nos explica Camacho:

Ao contrário do que se pensa o uso das sementes transgênicas não está diretamente associado ao aumento da produtividade, mas, sim, a diminuição de custos com mão-de-obra devido à possibilidade de não precisar combater as pragas e as facilidades de semeadura. O resultado disso é a produção de uma agricultura sem agricultores, pois se necessita de menos empregos no campo, elevando-se o êxodo rural e todas as consequências negativas deste processo. Os transgênicos, além de ser uma forma degradante ambientalmente de produção porque gera a erosão genética, também acarretam o desemprego no campo (2008, p. 64).

Dessa forma, consideramos os saberes-fazeres camponeses, uma forma de resistência que se opõe ao modelo agrário/agrícola dominante, ao mesmo tempo em que garantem a preservação das sementes crioulas e os efeitos positivos desse processo: produção agrícola sustentável e saudável.

As Sementes Crioulas no Assentamento São Judas, Rio Brillante – MS, Brasil

Se plantar o arroz ali,
se plantar o milho a culá,
um jeito de produzir,
pra gente se alimentar.
Primeiro cantar do galo,
já se levanta da cama,
e o camponês se mistura
a terra que tanto ama.
Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o pão.
Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente⁶.

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas (figura 1), que está localizado no município de Rio Brillante a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil. Oriundo de um projeto criado e reconhecido pelo INCRA em 1998, mas os lotes foram

⁵ Dados da ANVISA presentes no documentário: o veneno está na mesa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em 1 jul. 2019.

⁶Zé Pinto, Caminhos Alternativos.



divididos em 12 de março de 1999. Contemplou 187 famílias, organizados em lotes com média de 13 hectares cada, formando 11 pequenos grupos. A área destinada ao assentamento São Judas foi desapropriada para atendimento de parte da demanda por terra, uma luta que tem como objetivo a Reforma Agrária (ZENATTI; CAMACHO, 2019).

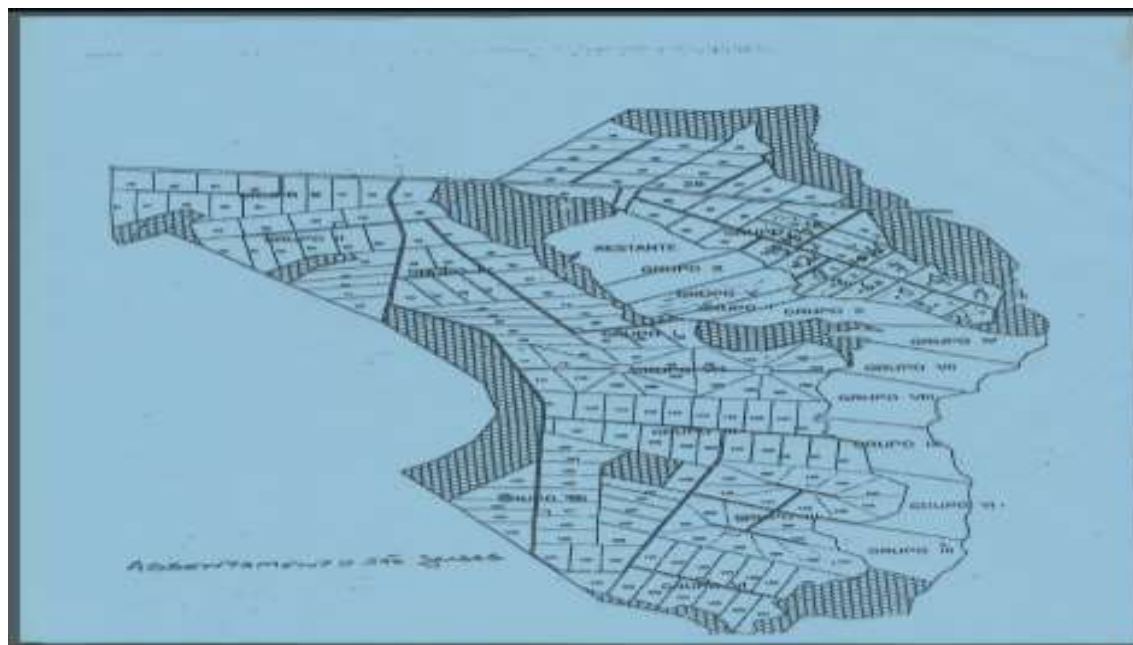


FIGURA 1. Mapa do Assentamento São Judas

Fonte: INCRA (2019).

Segundo Zenatti e Camacho (2019) o assentamento possui alguns lotes arrendados, mas, em sua maioria, os camponeses produzem para o consumo e para venda do excedente, 60% da renda dos produtores do Assentamento São Judas é proveniente da venda de leite. Além dessa produção principal, os camponeses cultivam pequenas lavouras e criam animais para o consumo e acabam vendendo o excedente. É notória a ligação que possuem com a terra, com a produção por meio da mão de obra familiar, o desejo de criar os filhos no campo e participar do modo de vida da agricultura camponesa.

Vele ressaltar que o modelo de agricultura camponesa no Brasil se firmou a partir de importantes contribuições dos indígenas (HOFFMANN, 2017). De acordo com Carvalho e Costa (2012, p. 28) podemos compreender que a agricultura camponesa é diferente da agricultura capitalista:

As unidades de produção camponesas, ao terem como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são os próprios membros da família, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro.



A produção camponesa é feita no território camponês, que no caso de nossa pesquisa são os lotes do assentamento São Judas. De acordo com Fernandes (2012, p.746):

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o *lugar* ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O *território camponês* é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes, pode ser constituída de mais de uma família (grifo do autor).

Dentre essas famílias que tem como modo de vida e forma de trabalho a agricultura camponesa, está o Sr. AZ e Sr.^a AZ, que residem e produzem no lote. A produção é bem diversificada, mas o nosso objetivo é aprofundar nos saberes de experiência feita utilizados para o cultivo e conservação de sementes crioulas de “milho maisena”, “milho pipoca”, e “amendoim” (figura 2). Essas variedades são conservadas pela família desde 2002 quando vieram do país vizinho, Paraguai para o Assentamento. No entanto, essas práticas são bem anteriores, foram adquiridas de outras gerações, pois são tradições familiares que carregam histórias e saberes populares.



FIGURA 2. Sementes conservadas na propriedade da família Z.

Fonte: Autora (2019).

Essas práticas de conservação estão se perdendo ao longo do tempo, e o principal responsável por essa perda é o avanço do agronegócio. De acordo com Hoffmann (2017), a estrutura fundiária do Mato Grosso do Sul está alicerçada na concentração de terras, com grandes latifúndios, e seus pacotes tecnológicos, como agrotóxicos, inseticidas, transgênicos etc., porém, na contra hegemonia, o pequeno produtor, “[...] mesmo em meio à pressão exercida pelo agronegócio continuam conservando suas variedades tradicionais de milho. Essa conservação está ligada ao percurso de vida dos agricultores que as conservam, apresentando para estes diferentes significados” (HOFFMANN, 2017, p. 107). Como percebemos nas entrevistas feitas, os guardiões têm uma ligação com as sementes, que é algo mais profundo do que apenas conservar essas sementes, faz parte da sua história familiar.



As pesquisas realizadas nas comunidades de assentamentos e aldeias demonstram que existem vários trabalhos voltados ao resgate de variedades de milho, por exemplo, em diferentes biomas brasileiros. Existe muitas áreas com expressiva variabilidade genética, que depende de ações para o resgate, em particular, para a amostragem de variedades crioulas (EMBRAPA, 2006).

Além da conservação de sementes crioulas, existe também a socialização de saberes tradicionais. Durante a entrevista, a família relatou sua forma de plantio que leva em consideração as fases da lua que, segundo eles, é fundamental para uma boa colheita. O milho e a pipoca devem ser plantados na fase da lua crescente para a cheia, pois a seiva está distribuída na planta e nos frutos, assim os grãos ficam mais bonitos, com as espigas bem granadas. Na colheita, já perceberam que quando colhem o milho seco na lua minguante, ele fica mais resistente aos “carunchos”⁷. O plantio de milho maisena é realizado pela família duas vezes ao ano: setembro e janeiro, pois o milho demora quatro meses para produzir e não pode coincidir com o frio, pois não é resistente a geada. O milho pipoca também pode ser plantado duas vezes ao ano, porém a família planta em setembro ou novembro, o tempo de colheita é de quatro meses.

Com relação a adubação utilizada para o plantio de milho maisena e milho pipoca, varia, às vezes, utilizam cama de frango e, outras vezes, esterco de gado. De acordo com os camponeses, para uma boa produção tem que levar em consideração a seleção das sementes, que são feitas logo após a colheita. Os grãos precisam estar bem secos, umidade baixa; eles selecionam os grãos das espigas mais bonitas e viçosas, descartando os grãos das extremidades e conservando os grãos do meio. Após a seleção, armazenam as sementes em litros de garrafa pet bem fechados (figura 2) para não ter ataque de “carunchos”. As sementes têm um grande significado para as famílias conforme observou Hoffmann (2017, p.83): “Durante a realização desta pesquisa percebe-se que os agricultores envolvidos compreendem a semente como o elemento que inicia e finaliza o ciclo da cultura do milho, referem-se a ela como o centro de todo processo”. Na época certa para o plantio, observam se está na fase da lua adequada (crescente para cheia) e já com a terra e a adubação preparada, realizam o plantio. É importante lembrar que o adubo precisa estar bem curtido. Se for plantar na mesma época o milho maisena e o milho pipoca tem que dar um intervalo de uns 15 a 20 dias para não “castigar” a semente, ou plantam longe um do outro, segundo eles “um de um lado do sítio e outro do outro lado”. Algumas dessas práticas são observadas na dissertação de Hoffmann (2017, p. 81):

O sistema de cultivo tradicional de milho, adotado por agricultores assentados da reforma agrária e agricultores indígenas apresenta como etapas de desenvolvimento: a presença do germoplasma, o preparo do solo, a semeadura, os tratos culturais, o controle fitossanitário, a seleção de material genético para reprodução, a colheita e o encerramento do ciclo com o armazenamento do germoplasma para a safra seguinte. No entanto, esse sistema de cultivo não pode ser descrito como apenas

⁷Caruncho: é a designação comum a diversos insetos coleópteros pentâmeros que pertencem à família Bruchidae. Por serem fitófagos, alimentam-se, por exemplo, de cereais e feijão armazenados, reduzindo-os a pó, razão por que são considerados insetos daninhos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caruncho>>. Acesso em 01 jul.2019.



um conjunto de técnicas e práticas agrícolas visando obter melhor produtividade, mas se caracteriza como um conjunto de eventos carregados de significados de ordem ambiental, cultural, social e religiosa. Neste contexto, o ciclo de vida da cultura se mistura com a própria vida das pessoas que a cultivam, permitindo às comunidades camponesas e indígenas a construção de significados e da sua própria identidade.

Sempre de olho na plantação, depois da colheita, uma quantidade fica para a família usar, geralmente, no preparo de farinha de milho maisena, que é muito usado para fazer a “chipa”⁸. No caso da pipoca, é consumida pela família e vendida o excedente na feira de Rio Brillante. Não podemos esquecer que o processo de conservação se inicia novamente com a seleção das sementes para o próximo plantio.



FIGURA 3. Milho e pipoca da propriedade
Fonte: Autora (2019).

Além da semente de milho e pipoca, vamos dar destaque também ao amendoim (figura 4), que é cultivado pela família na propriedade. Para o amendoim, também é preciso selecionar as sementes, porém, nem sempre essa seleção é feita logo após a colheita, geralmente, só o debulharão na época do plantio, que pode ser em setembro ou novembro. Muito importante observar as fases da lua, que precisa estar na minguante, pois a seiva se concentra nas raízes, por isso, segundo os assentados, tudo que produz em baixo da terra deve ser plantado na lua minguante. Outra observação importante é sobre a adubação que não é utilizada no plantio, pois se adubar “viça” muito as folhas e não carrega o pé. As sementes são armazenadas em sacos na casca, e debulhadas para o plantio, o restante utilizam para consumo e vendem o excedente na feira de Rio Brillante - MS.

⁸Torta com massa salgada feita de milho e leite.



Segundo os saberes tradicionais, tudo se inicia e termina com a “semente”, que é a vida, o centro do processo, mas para sua reprodução, depende-se do preparo do solo, adubação, observação das fases da lua, época e local de plantio, e por fim, o cuidado com a lavoura, todos esses componentes garantem uma boa colheita com alimentos saudáveis para a família.



FIGURA 4. Colheita de amendoim
Fonte: Autora (2019).

Questionados sobre o motivo de conservar as sementes crioulas, a Sr.^a AZ diz que: “as sementes compradas são muito diferentes, não dá pra guardar de um ano pra outro, pois não nasce, e essas sementes crioulas dão menos pragas”. Ela diz que isso foi o que aprenderam com a família, e depois, no tempo que residiram no Paraguai, conseguiram algumas sementes com os indígenas e aprenderam muito com eles. Antes, eles guardavam as sementes em garrafão de vinho de vidro, aprenderam com os pais quando ainda eram solteiros, agora guardam em litros descartáveis bem tampados, porque nos litros a semente não “caruncha”, ou seja, não sofre ataque de alguns insetos. Segundo eles, “os indígenas gostam de pendurar na fumaça, que também protege dos carunchos, mas daí precisa espaço em cima do fogão, preferimos guardar nos litros mesmo”. Como estratégia de reprodução econômica familiar, o Sr. AZ diz que “se a gente vai comprar tudo, não dá para sobreviver, precisamos plantar e guardar as sementes para o próximo ano” e, além disso, quando guardam e plantam suas sementes, sabem o que estão comendo, “porque hoje é tudo modificado e nada saudável”.



Conclusões

Dessa maneira, a família camponesa conseguiu demonstrar em suas narrativas duas perspectivas importantes. A primeira de que existe uma relação intrínseca entre a conservação das sementes crioulas e o modo de vida camponês, por isso, são considerados guardiões das sementes. A segunda, de que os saberes-fazer populares camponeses são formas de resistência ao modelo agrário-agrícola hegemônico do agronegócio, auxiliando na construção de práticas agrícolas sustentáveis social e ambientalmente.

Durante esse trabalho ficou evidente a importância do conhecimento tradicional/popular na prática de conservação de sementes crioulas. As sementes são conservadas não somente para cumprir a função material do plantio e alimentação da família, mas também porque fazem parte da imaterialidade da tradição familiar que vem sendo passada de geração em geração. Além de conservar as sementes, a família conserva saberes-fazer produzidos na experiência da vida cotidiana que são muito importantes para compreender a melhor maneira de selecionar, armazenar, plantar e colher as sementes.

A família camponesa guarda essas sementes, pois sabem que são mais saudáveis, e tem menos ataques de pragas. Por isso, esta prática tradicional possui, intrinsecamente, uma relação econômica e cultural, pois o camponês não tem pretensão de comprar tudo que consome, por isso, precisam produzir alimentos para o seu autoconsumo e vender o excedente para poder comprar tudo aquilo que não é produzido pela família, logo, as sementes crioulas são estratégicas para a manutenção desse equilíbrio entre produção e consumo familiar, possibilitando a permanência da família no campo.

Referências

CAMACHO, Simão Rodrigo. *O Ensino da Geografia e a Questão Agrária nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMS, Aquidauana, 2008.

CARVALHO, Horácio de Martins. COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 26-40.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 744-748.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOFFMANN, Marta, *Manejo de variedades tradicionais de milho em comunidades de agricultores familiares no Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) -



Mestrado Profissional, do Departamento de Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2017.

MATTA, Priscila. *Modos ameríndios de conhecer as florestas: produção de relações e percepções*. Brasília, UNB (Tese de Doutorado), 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23032016-153311/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PIDNER, Flora Sousa. *Diálogos entre saberes locais: dificuldades perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. p. 01-145.

ROLO, Marcio; RAMOS, Marise. Conhecimento. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 149-157.

TEIXEIRA, Flávia França et al.; VASCONCELOS, José Heitor; NETTO Dea Alécia Martins; ANDRADE, Ramiro Vilela; SANTOS, Manoel Xavier; PADILHA, Liliam. Mapeamento da distribuição geográfica do Milho (zeamays. L) com vistas à conservação de variedades crioulas. *Parentes Silvestres das Espécies de Plantas Cultivadas*. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006.

TINDLER Silvio. *Documentário o veneno está na mesa*, Trilogia da Terra, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

WOORTMANN, Ellen F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, E.P., MENEZES, M. A., MARIN, R. S. (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias - estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.119 – 130. V. 2.

ZENATTI. Francieli Aparecida; CAMACHO, Rodrigo Simão. A Produção Camponesa no Assentamento de Reforma Agrário São Judas. In: Editora Poisson (Org.) *Agroecologia em foco*. Editora Poisson: Belo Horizonte, 2019.